

## A LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE CRIAÇÃO E DE IMAGINAÇÃO PARA AS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE

Rita de Cassia Cristofoleti<sup>1</sup>

**Resumo:** A produção desse texto, faz parte de uma pesquisa que vindo sendo realizada pelos (as) alunos (as) dos cursos de Enfermagem e Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo e está articulada ao projeto de extensão: **Digna mente: promoção de saúde mental e prevenção de maiores agravos através de oficinas terapêuticas às pessoas privadas de liberdade**, cujo objetivo é promover a dignidade humana, resgatar a autoestima e garantir condições para as reflexões pessoais, através das oficinas terapêuticas e da construção de projetos terapêuticos singulares. Como parte desse projeto, iniciado em outubro de 2017, os (as) alunos (as) dos cursos de Pedagogia e de Enfermagem realizam oficinas de leitura tendo como objetivo resgatar a imaginação e a criatividade das pessoas através de leituras de poemas e textos literários, na tentativa de compreender como um processo criativo e reflexivo é mediado pela leitura da literatura. As oficinas literárias também contam com técnicas de desenho, pintura, colagem que entrelaçadas aos textos lidos levam às produções artísticas pelas pessoas privadas de liberdade. As oficinas de leitura são realizadas durante duas vezes por mês com anotações sistemáticas em diário de campo das falas, gestos e produções que são realizadas nos encontros. O referencial teórico adotado para a escrita, elaboração e planejamento das oficinas literárias e análise dos dados é a perspectiva Histórico-Cultural de desenvolvimento humano elaborada por Vigotski (1998, 2009) que considera que quanto mais rica for a experiência social e cultural das pessoas, mais possibilidades existirá de criação e de imaginação, portanto de reflexividade da vida. Nesse sentido, foram desenvolvidas oficinas literárias com textos de Manoel de Barros presentes no livro “Memórias Inventadas – A Infância” e “Exercícios de ser Criança - O menino que carregava água na peneira”. Entendemos, nesse sentido, que o ato de criação e o lugar do imaginário como condição essencialmente humana, pela mediação da linguagem e da literatura, pode ter lugar nos espaços diversos de vida e pode constituir-se como novas formas de participação das pessoas na cultura.

### A produção imaginária... contribuições da perspectiva Histórico-Cultural

Este texto apresenta-se como parte de uma pesquisa realizada em um projeto de extensão<sup>2</sup> que se realiza em parceria com os alunos de Enfermagem e Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo e se propõe a tecer algumas reflexões sobre a relação entre o real, o imaginário e o simbólico na perspectiva Histórico-Cultural. Também pretende debater sobre o lugar da imaginação e a da criatividade das pessoas privadas de liberdade através de leituras de poemas e textos literários, na tentativa de compreender como um processo criativo e reflexivo é mediado pela leitura da literatura.

Vigotski, em seu livro *A imaginação e criação na infância* (2009) compreende a imaginação como uma formação especificamente humana, e destaca a atividade criadora do

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Campus São Mateus. Departamento de Educação e Ciências Humanas. *E-mail:* [ricacri@uol.com.br](mailto:ricacri@uol.com.br)/[rita.cristofoleti@ufes.br](mailto:rita.cristofoleti@ufes.br).

<sup>2</sup> O projeto intitula-se: **Digna mente: promoção de saúde mental e prevenção de maiores agravos através de oficinas terapêuticas às pessoas privadas de liberdade.**

homem, evidenciando “o papel fundamental da educação e das relações de ensino na apropriação e produção de novas formas de atividade e vida”. (VIGOTSKI, 2009, p. 07)

Segundo a perspectiva Histórico-Cultural, a tríade Real/Imaginário/Simbólico denominada aqui de “instâncias do ser humano” (PINO, 2006) constitui os três planos de atuação do poder criador do homem. Sendo assim, o que caracteriza o humano é a sua possibilidade de criação.

“Chamamos atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo. [...] É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente”. (VIGOTSKI, 2009, p. 13 e 14)

A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Seria um milagre se a imaginação inventasse do nada ou tivesse outras fontes para suas criações que não a experiência anterior. Somente as representações religiosas e místicas sobre a natureza humana atribuem a origem das obras da fantasia a uma força estranha, sobrenatural, e não a nossa experiência. (VIGOTSKI, 2009, p. 20)

Nesse contexto, a experiência que temos com o mundo e a vivência com outros humanos nos possibilitam espaços para criação e para a invenção do novo. Esse aspecto se torna essencial quando discutimos o papel da leitura e da literatura como possibilidades de promover outros universos para as pessoas, ampliando a capacidade de imaginar e pensar o mundo.

O imaginário está no campo da subjetividade e é o que define a condição humana do homem. “Pode-se afirmar sem sombra de dúvida que o caráter semiótico das imagens humanas faz toda a diferença em relação às imagens naturais do mundo animal. É ele que torna possível o que chamamos de atividade criadora”. (PINO, 2006, p. 55).

Nessa linha de pensamento, o imaginário também implica o simbólico. Sem a significação o que nos resta são somente as imagens (pertencente ao campo do natural). O homem só consegue adquirir a característica humana de criador porque há o processo de simbolização do mundo.

“[...] o imaginário precisa do simbólico não só para manifestar-se, mas também para existir, para passar do estado virtual para o estado do real humano”. (PINO, 2006a, p. 72)

Toda criação tem uma dimensão simbólica, senão não é criação. De acordo com os estudos de Pino (2006, p. 58), “o simbólico representa o mundo das coisas cuja existência depende, essencialmente, da ação criadora dos homens”. Assim, “se o real precede o imaginário, este precede o real quando agrega a ele produções totalmente novas”. (PINO, 2006, p. 59)

### **A leitura da literatura para pessoas privadas de liberdade**

Com o objetivo de trabalhar o imaginário e o processo de criação de pessoas privadas de liberdade, nessa pesquisa, foram desenvolvidas oficinas literárias com textos de Manoel de Barros presentes no livro “Memórias Inventadas – A Infância” e “Exercícios de Ser Criança – O menino que carregava água na peneira”. Entendemos, nesse sentido, que o ato de criação e o lugar do imaginário como condição essencialmente humana, pela mediação da linguagem e da literatura, pode ter lugar nos espaços diversos de vida e pode constituir-se como novas formas de participação das pessoas na cultura.

Nesse sentido, um dos textos trabalhados nas oficinas literárias desenvolvidas no projeto de extensão foi “Sobre Sucatas” de Manoel de Barros<sup>3</sup>,

Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado num cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história que um dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucata da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava dos espantalhos vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca do brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.

Outro texto trabalhado de Manoel de Barros foi “O menino que carregava água na peneira”, presente no livro “Exercícios de ser criança”<sup>4</sup>,

No aeroporto, o menino perguntou:  
E se o avião tropical num passarinho?  
O pai ficou torto e não respondeu.  
O menino perguntou de novo:  
- E se o avião tropical num passarinho triste?  
A mãe teve ternuras e pensou?  
Será que os absurdos, não são as maiores virtudes da poesia?  
Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?  
Ao sair do sufoco, o pai refletiu:  
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças e ficou sendo.

A partir da leitura dos dois textos acima, foi solicitado que os participantes das oficinas desenhassem sobre suas memórias de infância e sobre seus sonhos, num ato de poesia:

---

<sup>3</sup> BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

<sup>4</sup> Barros, Manoel. **Exercícios de ser criança**. Editora Salamandra, 1999.



Imagino minha infância brincando de caminhão, de ser caminhoneiro. Cresci e virei caminhoneiro, mas hoje estou aqui e meu sonho é voltar para minha família...

Imagino um campo, bem grande em que eu possa voltar a brincar e ver as estrelas do céu... Sinto falta disso.



A minha casa na roça... esse era meu mundo, esse é o meu sonho.



A minha casa... as ondas do mar. Eu surfava e era bom. A liberdade... sinto falta dela.

No ato de criação, mediado pela leitura da literatura e pelos desenhos produzidos, podemos nos perguntar: Que idade tem o narrador de sua história? É uma mistura do ontem, do hoje e do que será projetado para o amanhã, pensando que o narrador se atualiza a cada dia e a cada momento em que conta a história.

Nesse sentido, podemos entender que “a criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, [...] deve sua origem ao processo de criação do homem (VIGOTSKI, 2009, p. 16). É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação. (VIGOTSKI, 2009, p. 17)

### Algumas reflexões finais...

Podemos refletir com base nas discussões realizadas nesse texto, que a educação, a leitura e o diálogo devem ser entendidos como aspectos centrais na vida das pessoas, como processos capazes de refazer histórias e como acesso ao conhecimento. Adquirir conhecimento significa apropriar-se da condição humana, portanto de seu ato de criação.

Quando acompanhamos a história das grandes invenções, das grandes descobertas, quase sempre é possível notar que elas surgiram como resultado de uma imensa experiência anterior acumulada. A imaginação origina-se exatamente desse acúmulo de experiência. Sendo as demais circunstâncias as mesmas, quanto mais rica é a experiência, mais rica deve ser também a imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p. 22)

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que só o humano pode criar o novo, o inexistente. E é a partir da capacidade humana de imaginar o inexistente a partir do existente que é possível fazer o inexistente, um dia existir.

Essa capacidade de pensamento, de planejamento, de imaginação e de criação, é a possibilidade humana de transformação da realidade, de produção cultural. Nesta mesma direção, destacamos uma passagem de Marx, em *O Capital* que está publicada no livro *A Formação Social da Mente* (VIGOTSKI, 1998),

A aranha realiza operações que lembram o tecelão, e as caixas suspensas que as abelhas constroem envergonham o trabalho de muitos arquitetos. Mas até mesmo o pior dos arquitetos difere, de início, da mais hábil das abelhas, pelo fato de que, antes de fazer uma caixa de madeira, ele já a construiu mentalmente. No final do processo do trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes de ele começar a construção. O arquiteto não só modifica a forma que lhe foi dada pela natureza, dentro das restrições impostas pela natureza, como também realiza um plano que lhe é próprio, definindo os meios e o caráter da atividade aos quais ele deve subordinar sua vontade.

A história de toda humanidade, só se torna possível com a transmissão do conhecimento produzido para as novas gerações, portanto, o movimento da historicidade, das aquisições da cultura de um povo, depende também, das relações educativas. Daí a importância de defendermos os diferentes espaços de convívio do humano, como um espaço que deve ser rico de experiências culturais e, se estamos falando de criação, um espaço de orientação dos sentidos, de “refinamento de um grau de sensibilidade às coisas que a cultura é capaz de dar” (PINO, 2006, p. 67). Por isso, a importância de se trabalhar a leitura da leitura com pessoas privadas de liberdade.

A liberdade e a existência humana se resignificam a cada ato de leitura e a cada ato de criação.

## Referências

PINO, A. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. *Psicologia USP*, São Paulo, 21 (4), p. 741-756, 2010.

\_\_\_\_\_. A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. *Pro-Posições*, v. 17, n. 2 (50), maio/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. Imaginário e Produção Imaginária: Reflexões em Educação. In: DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V. *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Publicações, Florianópolis, 2006a.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXI, n. 71, jul. 2000.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.